

Artigo Científico

EMPREENDEDORISMO DE SI: ANÁLISE DA FLEXIBILIZAÇÃO DO TRABALHO A PARTIR DA OBRA CINEMATOGRAFICA “DESCULPA, VOCÊ NÃO ESTAVA AQUI”

Letícia dos Santos Rosa Alcantara¹

Margarete Panerai Araujo²

¹ Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais (SEE-MG), Varginha- Minas Gerais/Brasil

² Universidade Caxias do Sul (UCS) / Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), Mestrado Profissional, Caxias - RS/Brasil

Resumo

O artigo tem como objetivo geral analisar o empreendedorismo como forma de dominação, a partir dos eixos da flexibilização e da precarização do trabalho, bem como da exploração crescente da força de trabalho por meio da ideologia de promoção do capitalismo neoliberal. Os procedimentos metodológicos basearam-se na análise da obra cinematográfica *Sorry We Missed You* (2019), de Ken Loach, traduzida para o português como *Desculpe, Você Não Estava Aqui*. Conclui-se que as relações de produção, compreendidas pela articulação entre força de trabalho e meios de produção, bem como os processos de distribuição, circulação e consumo das mercadorias, produzem uma divisão social do trabalho subordinada à lógica do capitalismo. Nesse sentido, a análise do filme evidencia que a flexibilização e a precarização das relações de trabalho constituem mecanismos que colocam em questão o discurso do empreendedorismo como expressão de autonomia e liberdade.

Palavras-chave: Flexibilização do trabalho. Empreendedorismo de si. Dominação. Análise fílmica.

Entrepreneurship of the self: analysis of work flexibility based on the cinematographic “Sorry We Missed You”

This article aims to analyze entrepreneurship as a form of domination through the lenses of labor flexibility, labor precarization, and the increasing exploitation of labor power promoted by the ideology of neoliberal capitalism. The methodological procedures were based on the analysis of Ken Loach's film *Sorry We Missed You* (2019). The study concludes that the relations of production, understood as the articulation between labor power and the means of production, together with the processes of distribution, circulation, and consumption of commodities, produce a social division of labor subordinated to the logic of capitalism. In this context, the film demonstrates that labor flexibility and precarious working conditions constitute mechanisms that challenge the discourse of entrepreneurship as an expression of autonomy and freedom.

Keywords: Labor flexibilization. Entrepreneurship of the self. Domination. Film analysis.

Emprendimiento de sí: análisis de la flexibilización del trabajo a partir de la obra cinematográfica “Lo Siento, No Estabas Aquí”

El presente artículo tiene como objetivo analizar el emprendimiento como una forma de dominación, a partir de los ejes de la flexibilización y la precarización del trabajo, así como de la creciente explotación de la fuerza de trabajo mediante la ideología de promoción del capitalismo neoliberal. Los procedimientos metodológicos se basaron en el análisis de la obra cinematográfica *Sorry We Missed You* (2019), dirigida por Ken Loach. Se concluye que las relaciones de producción, entendidas como la articulación entre la fuerza de trabajo y los medios de producción, así como los procesos de distribución, circulación y consumo de mercancías, producen una división social del trabajo subordinada a la lógica del capitalismo. En este sentido, el análisis de la película

pone de manifiesto que la flexibilización y la precarización de las relaciones laborales constituyen mecanismos que cuestionan el discurso del emprendimiento como expresión de autonomía y libertad.

Palabras clave: Flexibilización del trabajo. Emprendimiento de sí. Dominación. Análisis fílmico.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.22964545>

ISSN: 2359-6252

Editor-chefe: Vinicius de Souza Moreira

Editora-adjunta: Letícia Lima Milani Rodrigues

Artigo submetido em 23 de abril de 2026 e aceito para publicação em 30 de junho de 2026



1 INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe analisar o filme *Sorry We Missed You* (2019), cuja tradução “Desculpe, você não estava aqui” com o objetivo de investigar os mecanismos do chamado “empreendedorismo de si”, em diálogo com a literatura crítica sobre as transformações contemporâneas do trabalho. Busca-se responder à seguinte questão central: como a flexibilização e a precarização do trabalho se manifestam por meio do empreendedorismo de si? A obra cinematográfica, dirigida pelo cineasta britânico Ken Loach, ambienta-se no contexto do Reino Unido contemporâneo e retrata os impactos das transformações do mundo do trabalho sobre a vida de uma família da classe trabalhadora. Embora a narrativa se desenvolva em período posterior à crise financeira internacional de 2008, seus efeitos estruturais constituem importante pano de fundo para a compreensão do avanço das políticas de austeridade, da expansão dos contratos flexíveis e da crescente precarização das relações laborais.

O filme narra a trajetória de Ricky Turner (interpretado por Kris Hitchen), um pai de família que ingressa em uma empresa de entregas sob a condição de trabalhador supostamente autônomo. Movido pela necessidade de garantir renda e estabilidade econômica para sua família, Ricky aceita um modelo de contratação fundamentado na promessa de autonomia e liberdade. Entretanto, ao longo da narrativa, evidencia-se que essa autonomia é amplamente limitada por mecanismos de controle exercidos por tecnologias digitais, metas rigorosas de desempenho e intensa responsabilização individual.

Diante das reduzidas oportunidades de inserção em empregos estáveis e da intensificação da lógica de flexibilização do trabalho, observa-se que a vida do personagem passa a ser organizada em função das exigências da atividade laboral, conforme discutido por Volcof (2020). Tal dinâmica é sustentada por um discurso ideológico que apresenta esses trabalhadores como empreendedores de si mesmos, atribuindo-lhes a responsabilidade integral pelo êxito ou fracasso de sua trajetória profissional. Nesse contexto, o artigo busca examinar como essa racionalidade se manifesta na trajetória do protagonista, identificando os mecanismos de controle, responsabilização individual e intensificação do trabalho presentes na narrativa fílmica, articulando-os ao debate teórico sobre flexibilização laboral, precarização e empreendedorismo de si.

O estudo justifica-se pela necessidade de compreender os processos contemporâneos de subsunção do trabalho ao capital e as formas pelas quais o discurso do empreendedorismo de si contribui para a legitimação de relações laborais cada vez mais precarizadas. Sua contribuição científica reside na articulação entre análise fílmica e teoria social crítica, utilizando a obra cinematográfica como instrumento de interpretação das transformações recentes do mundo do trabalho. Diferentemente de estudos que abordam o empreendedorismo apenas sob a ótica econômica ou gerencial, esta pesquisa busca evidenciar seus efeitos sobre a subjetividade dos trabalhadores, os mecanismos de controle social e a naturalização da precarização laboral no contexto do capitalismo contemporâneo. A compreensão dessas transformações exige uma abordagem crítica capaz de evidenciar como a racionalidade neoliberal reorganiza não apenas os processos produtivos, mas também as formas de subjetivação dos trabalhadores.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, conforme Penafria (2009), adota-se a análise fílmica como estratégia investigativa. Tal abordagem implica o desmembramento da obra com o objetivo de apreender as articulações entre seus diferentes elementos e, posteriormente, desenvolver uma reflexão crítica acerca das questões suscitadas.

O artigo está estruturado em quatro seções. Após esta introdução, apresenta-se o referencial teórico sobre flexibilização do trabalho e empreendedorismo de si. Em seguida, são descritos os procedimentos metodológicos e desenvolvida a análise fílmica da obra. Por fim, apresentam-se as considerações finais e as referências utilizadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A flexibilização do trabalho

Apesar das intensas transformações nos sentidos do trabalho e, conseqüentemente, na condição do trabalhador ao longo do tempo, ambos permanecem centrais nas análises da sociabilidade contemporânea. A partir deste estudo, pode-se observar, em Antunes (2009) em diálogo com Mészáros (2006) que as funções vitais de mediação primária, originalmente voltadas à satisfação das necessidades humanas básicas são progressivamente substituídas, com o avanço do capital, pelas chamadas mediações de segunda ordem, que subordinam tais necessidades à lógica de reprodução do valor de troca. Essa transformação está diretamente associada à dinâmica capitalista de produção em massa, orientada para a expansão e autorreprodução do capital.

Nesse contexto, Antunes (2018) apresenta uma análise histórica do Taylorismo e, posteriormente, do Fordismo. Tais modelos introduzem a racionalização dos processos produtivos como estratégia para redução de custos e ampliação da produção em larga escala, intensificando a exploração da força de trabalho. Para o autor o trabalhador, que antes estava inserido em uma lógica de produção artesanal, passa a integrar o sistema fabril, marcado pela divisão e fragmentação das tarefas. Assim, segundo Antunes (2018) instaura-se o trabalho parcelar, especializado e destituído de sentido, uma vez que o operário deixa de deter o controle sobre o conjunto do processo produtivo.

Além disso, Antunes (2018) analisa que, a partir da crise dos anos 1970, houve influência de mutações políticas, ideológicas e sociais, que acentuam a crise no padrão de acumulação, e que demandou a reestruturação do binômio taylorista-fordista, a fim de repor os patamares de acumulação até então existentes. A este respeito, cita-se Antunes (2009) novamente quanto às novas formas de acumulação flexibilizada pensadas e implementadas no mundo do trabalho pelo “Toyotismo”, trazendo a ideia de um trabalhador supostamente mais qualificado. Neste enquadramento, exalta-se as técnicas de gestão da força de trabalho pautadas no argumento do “trabalhador participativo”, na figura do “colaborador”, como forma de manipulação, preservando, na essência, as condições de trabalho alienado previsto por Marx (2004). Segundo Martinez (2018, p. 179),

[...] Implantaram-se a reengenharia de setores industriais e fórmulas de gestão baseadas na qualidade total e na terceirização. Surgiu um novo modelo de produção, intitulado toyotismo, pensado por Taiichi Ohno (por isso também conhecido como sistema ohnista), que implementou novas técnicas de administração, principalmente a supressão da burocracia corporativa desnecessária (downsizing), o salário individualizado por produtividade, a manutenção de um fluxo contínuo de produtos com vistas à eliminação de estoques (kanban) e a produção em tempo real (just-in-time). A subordinação jurídica, antes tão claramente comandada pelo empregador, começou a esmaecer.

O trabalhador, portanto, conforme Meszáros (2006) passou a operar simultaneamente diferentes equipamentos por essa pretensa especialização, foi estimulado a permanecer no posto de trabalho, o que contribui para a intensificação da jornada e diminui o número de pessoas contratadas. Além da crise advinda nos anos 70 já mencionada em Antunes (2018), existe o incremento das novas tecnologias da informação, com a globalização, a partir da década de 90, que proporcionou o aumento do trabalho morto nas fábricas, assalariamento precário, início ao processo de desindustrialização e desproletarização, resultando em um processo de precarização do trabalho ou desemprego estrutural, com base nas literaturas pesquisadas em Meszáros (2006), Marx (2004) e Antunes (2009).

Todo esse movimento, absorvido pela “classe que vive do trabalho”, conforme Antunes (2009), evidencia a crescente centralidade de modalidades como o trabalho *part-time*, temporário, terceirizado e o empreendedorismo, cada vez mais difundidos como alternativas para a recomposição de postos de trabalho perdidos em decorrência das crises do capital. Antunes (2009, p. 132) destaca que “[...] com a reestruturação produtiva, a expansão do capitalismo e o avanço das tecnologias, o trabalhador passa a ser pressionado a se adaptar a essas alternativas trabalhistas” em condições

adversas, marcadas pela informalidade e pela desregulamentação. Esse processo implica a redução de direitos e da proteção social, além de promover níveis ainda mais intensos de exploração da força de trabalho, apresentados como soluções para a reposição, ainda que parcial e precária, dos empregos formais anteriormente existentes.

Boltanski e Chiapello (2009) analisam a constituição do novo espírito do capitalismo, destacando a incorporação de valores como autonomia, flexibilidade, criatividade e capacidade de adaptação como elementos centrais da legitimação das relações de trabalho contemporâneas. Nessa perspectiva, as exigências do mercado passariam a valorizar sujeitos capazes de gerir a si mesmos e de assumir responsabilidades individuais diante das transformações econômicas e produtivas. Contudo, em diálogo com essa abordagem, Franco e Ferraz (2019) evidenciam que tais mudanças têm sido acompanhadas pela intensificação da precarização do trabalho, marcada pela fragilização dos vínculos empregatícios, pela instabilidade ocupacional e pela transferência dos riscos sociais para os trabalhadores, reforçando processos de vulnerabilização e desigualdade no contexto do capitalismo contemporâneo.

No que diz respeito a essas novas formas de subsunção do trabalho, que reduzem os custos com encargos sociais e possibilitam o ajuste do quadro de funcionários às flutuações da demanda, todas foram resumidas na palavra: flexibilidade. Marx (2004, 2007), em seus estudos de lógica do capital e subsunção, e Antunes (2009) com a flexibilização contemporânea demonstram que os contratos de trabalho se tornaram cada vez mais flexíveis, assim como as formas de contratação, a qualificação dos trabalhadores, o controle dos estoques e da própria força de trabalho, os modos de produção, a remuneração, os locais de exercício das atividades e até mesmo o grau de liberdade atribuído aos indivíduos.

Para o trabalhador com base em Antunes (2009), essa flexibilização configura-se como mais um mecanismo de dominação e controle decorrente do desenvolvimento do capitalismo. Ademais, a ascensão das tecnologias evidencia-se também como um fator de intensificação da exploração, ao invadir e reduzir o tempo de lazer, que passa a ser quase inexistente ou progressivamente incorporado ao tempo de trabalho. Ou seja, um aceleração, acarretando jornadas de trabalho extensas e desgastante. Segundo Rosa (2003, p. 15) “explorando o cotidiano da sociedade americana contemporânea, notou a “aceleração de quase tudo”: amor, vida, discurso, política, trabalho, TV, lazer, etc.”

O empreendedorismo vendido pelo discurso de flexibilização do trabalho, estabelece a capacidade do trabalhador se agarrar em uma oportunidade e desenvolver um negócio, conforme considerações feitas nos estudos de Filardi, Barros, Fischmann (2018) e Serafim, Feuerschutte (2015). Ou seja, segundo os autores, não foge do padrão de precarização do trabalho e da subsunção do tempo de vida do indivíduo.

Costa et al. (2008) também contribuem para o debate ao instigar uma reflexão crítica acerca do fato de que essa variação nas formas de emprego não tem sido amplamente analisada, por parte dos pesquisadores brasileiros, como mais uma das estratégias perversas do capitalismo voltadas à acumulação de capital. Na mesma perspectiva, Sandoval (2020) argumenta que o trabalhador, ao ser tratado como mercadoria, muitas vezes de forma pouco perceptível, acaba sendo direcionado à precarização, na medida em que é reduzido à individualidade e inserido em uma lógica de competição intrínseca ao sistema capitalista. Nesse cenário, a classe trabalhadora passa a nutrir expectativas por condições de trabalho distintas daquelas oferecidas em períodos anteriores, que sejam capazes de garantir o bem-estar próprio e de sua família.

2.2. Empreendedorismo de si como forma de dominação

De acordo com o exposto, é possível compreender que o empreendedorismo, em suas múltiplas formas, tem sido apresentado como uma espécie de “remédio” burguês contemporâneo. Ou seja, uma solução universal para problemas que vão desde a crise do Estado até as contradições do próprio capitalismo, expressas na precarização do trabalho, como descreveu Santos (2019). Nesse sentido, diante da insuficiência de postos formais, difunde-se a retórica do autoemprego e da criação do próprio trabalho por meio da atividade empreendedora, conforme Santos (2019). Observa-se,

portanto, que, mesmo quando as causas estruturais escapam à compreensão dos trabalhadores, a responsabilidade pelos problemas é deslocada para essa classe ou, mais precisamente, para o indivíduo. Segundo Santos (2019), nessa forma atomizada o indivíduo é capturado pela lógica neoliberal (Foucault, 2008), sendo instado a responder individualmente por questões de ordem estrutural. Por conseguinte, o enfraquecimento dos direitos sociais contribui para a desresponsabilização do Estado e do mercado em relação às suas próprias limitações, como o desemprego e a pobreza.

Foucault (2008) analisa o fenômeno do neoliberalismo na obra *Nascimento da Biopolítica*, compilação de cursos ministrados no Collège de France no final da década de 1970. Nesse contexto, introduz o conceito de empreendedorismo de si, elaborado a partir da análise dos fundamentos teóricos de uma das vertentes centrais do neoliberalismo: ordoliberalismo alemão (ou germânico). Tal perspectiva tem como eixo a formulação do *homo oeconomicus*, conceito cuja origem remonta ao século XIX e que se estrutura a partir de duas dimensões principais: a dinâmica concorrencial própria do mercado capitalista pós *laissez-faire* e a “forma empresa”, conforme já discutido por Santos (2019). Em consonância com essa abordagem, Dardot e Laval (2016, p. 140) afirmam: “[...] o mercado seria concebido como um processo de autoformação, auto constitutivo do sujeito econômico, auto educador e auto disciplinador, por meio do qual o indivíduo aprende a se conduzir, tendo o mercado como instância central de sua formação.”

A “forma empresa”, por sua vez, configura-se como o alicerce da organização social, manifestando-se por meio de um padrão de sociabilidade e de formação subjetiva que passa a servir como modelo para os indivíduos. Nesse sentido, os sujeitos são induzidos a se compreender e a se conduzir sob a lógica empresarial, internalizando princípios como competitividade, desempenho e autogestão, característicos do funcionamento das empresas. Como aponta Foucault (2008, p. 203), “[...] afinal, diriam os ordoliberais, o que é a propriedade senão uma empresa? O que é uma casa individual, senão uma empresa? O que é a gestão dessas pequenas comunidades de vizinhança [...], senão outras formas de empresa?” Para prosseguir na discussão, seguindo tal modelo:

[...] todos passam a portar-se como empresas guiadas pelo raciocínio mercadológico das perdas, lucros e investimentos; todos passam a concorrer entre si até mesmo fora do local de trabalho ou de questões relativas às carreiras de cada um; todos passam a conferir crescente atenção às ideias de inovação, empreendedorismo e marketing pessoal, entre outros termos próprios ao mundo corporativo; as instituições estatais e públicas passam a ser guiadas por objetivos e métodos oriundos da forma empresarial. Em suma: não há fenômeno ou processo da vida social que parece escapar à forma da empresa capitalista neoliberal (Santos, 2019, p. 419).

Foucault (2008) considera que parte do ordoliberalismo, enquanto matriz teórica, ainda mantinha certa reserva quanto à aplicação de seus preceitos em áreas diversas da economia. No entanto, foi com o neoliberalismo estadunidense, manifestado por meio da Escola de Chicago, que a questão do neoliberalismo passou de opção de modelo econômico a uma alternativa voltada para todo o corpo social, ou seja, para todos os aspectos da vida.

Trata-se de uma racionalidade econômica que tenta impor-se como a forma de vida por excelência do ser humano: o empreendedor de si mesmo, segundo Foucault (2008). Neste caso, determinados valores econômicos do neoliberalismo migraram para todos os domínios da vida social, inclusive os próprios comportamentos sociais, sob o ponto de vista de Foucault (2008). Os trabalhadores, para além da força de trabalho e atuando como “sujeitos econômicos indissociáveis de sua capacidade de produzir, vendem a si mesmos, sendo considerados como capital humano”, conforme Foucault (2008, p. 206). Esse novo “*Homo Oeconomicus*” é o indivíduo prescrito e desejado pelas novas organizações do trabalho, pois, é o reflexo da utopia liberal, segundo Vasconcelos (2015).

Outro ponto ao qual é necessário chamar a atenção conforme Moro e Amador (2015) é que na teoria, o empreendedor de si pode se autogerenciar, pois o controle é uma das principais estratégias de se empreender e isso foi internalizado pelo ser humano. Foucault (2008, p. 369) descreve algumas características deste como sendo:

[...] Proativo, inovador, que vê oportunidade de negócios em todas as possibilidades (casamentos, crimes, trabalho, vida) cujas suas respostas são sempre sistemáticas, jamais aleatórias. Ele pode ser governado porque ele é flexível às mudanças e as variáveis do meio, ele se subjetiva como Homo Oeconomicus quando ele “aceita (livremente) essa realidade.

Para Ribeiro (2018), esse conceito refere-se à tentativa de impor a racionalidade econômica como forma de vida. A partir da ideia de um controle internalizado pelo próprio indivíduo, Foucault (2008) argumenta que o “empresário de si” passa a deter seu próprio capital e seus meios de produção, sendo responsável por sua autogestão e, supostamente, por sua autossatisfação. Entretanto, é importante destacar que o empreendedor de si se aproxima mais de padrões gerencialistas do que propriamente da figura clássica do capitalista, ainda que alguns elementos conceituais possam sugerir tal associação. Nesse sentido, Wood Jr. e Paes (2006) indicam que o empreendedor de si emerge como resultado de um regime de acumulação flexível, difundido por meio de modelos gerenciais e sustentado por um discurso que enfatiza, de forma intensificada, a qualidade, o desempenho e a eficiência.

Para Wood Jr. e Paes (2006) pode-se perceber que diante dessas definições que os novos “pequenos empresários” ou “microempreendedores”, são formas de designação que fomentam a ideologia capitalista dominante de exploração do trabalho em detrimento do trabalhador. Isto, segundo os autores, induz a naturalização do discurso, de modo a garantir que os grupos instalados no poder mantenham seus privilégios, cumprindo, assim, um papel de funcionalidade no sistema capitalista, voltado à intensificação da acumulação de capital para os seus detentores.

Diferente do que querem implantar ideologicamente, conforme Antunes (2009), os trabalhadores não se configuram como uma classe média emergente ou uma nova classe dominante. São precarizados e permanecem sem autonomia e liberdade, podendo ser visto como um novo proletariado, oscilante que Antunes (2009, p. 22) definiu como: “[...] entre a heterogeneidade em sua forma de ser (gênero, etnia, geração, qualificação, nacionalidade etc.) e a homogeneidade que resulta em sua condição precarizada, desprovida de direitos, tempo, proteção social e de regulamentação contratual.”

No plano psicossocial, Alves (2009) argumenta que é nesse âmbito que se constroem as experiências vividas e percebidas da precarização do trabalho. A ameaça, ainda que, por vezes, apenas potencial ou imaginária, configura-se como um elemento gerador de medo, o qual opera, no interior da tessitura social, articulando formas de consentimento por parte do trabalhador. Diante disso, segundo Alves (2009) muitos acabam se submetendo a essas modalidades específicas de trabalho como estratégia de sobrevivência. Esse medo revela-se um importante aliado do discurso neoliberal, na medida em que contribui para o não questionamento da difusão de ideias associadas a uma suposta modernidade e à flexibilização do trabalho. Sustentado pela constante ameaça do desemprego, esse processo converte-se em um eficaz instrumento de dominação.

Para Braga e Arrais Neto (2012), a lógica de dominação do sistema capitalista, mediada pelos meios de comunicação, objetiva reforçar a lógica de subordinação vivenciada pelo trabalhador na atividade produtiva. O controle ideológico é uma ação estratégica para intercalar na insatisfação do trabalho um padrão de comportamento conformista que facilite a adaptação ao modelo capitalista da sociedade.

Ressalta-se, por fim, que com o aumento do desemprego, a figura do empreendedor de si é difundida pela ideologia capitalista dominante sob a caricatura de um herói, aquele ser capaz de superar as inseguranças advindas do modelo flexível. No entanto, fica cada vez mais evidente as limitações desse argumento, na medida em que o que se verifica é a fragilidade dos vínculos empregatícios e sociais, de modo que os sujeitos econômicos vendem não somente a sua força de trabalho, mas também a si mesmos, segundo Barbosa (2011). Dessa forma, evidencia-se a possibilidade de articulação dessas análises com o filme.

3 ANÁLISE METODOLÓGICA DO FILME

A seleção do filme ocorreu de forma intencional e não probabilística, considerando sua relevância temática para os objetivos da pesquisa. A obra foi escolhida por abordar, de maneira direta, questões relacionadas à precarização do trabalho, à flexibilização das relações laborais e à constituição do trabalhador como empreendedor de si, elementos centrais ao problema investigado. Dessa forma, o filme apresenta potencial analítico para examinar, em linguagem audiovisual, processos sociais discutidos pela literatura crítica sobre trabalho e neoliberalismo.

O presente artigo adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo, utilizando a análise fílmica como procedimento metodológico. Analisar um filme, nesse sentido, vai além da mera crítica. Conforme Penafria (2009), trata-se de um método fundamentado no desmembramento da obra e na identificação de seus elementos constitutivos, com vistas à compreensão e interpretação, ao passo que a crítica se orienta, predominantemente, por juízos de valor.

Ainda que as pesquisas sociais sejam marcadas pela complexidade, em razão da multiplicidade de interpretações e da presença de subjetividades, o uso de recursos visuais pode ampliar as possibilidades analíticas e conferir maior liberdade ao pesquisador. Segundo Bauer e Gaskell (2017), isso se explica pela forte influência social exercida pelos meios de comunicação, que têm nos elementos visuais um de seus principais instrumentos de produção e disseminação de sentidos.

Logo, a análise fílmica é um recurso muito útil ao observador, entretanto, seu uso exige rigor metodológico. Analisar um filme para utilização em pesquisa científica, segundo Penafria (2009), não pode ser feito por qualquer observador, sem obter uma metodologia a ser seguida e sem um objeto de estudo. Sem fugir dessa crítica, Vanoye e Goliot-Lété (2008) reforçaram a importância de assistir ao filme mais de uma vez, observá-lo tecnicamente, compreender seu objetivo de acordo com a questão estudada e sem dúvidas, desmontá-lo.

Não existe um consenso quanto a uma única forma de fazer esse tipo de análise, pois como já mencionado, depende do pesquisador, de sua interpretação e convergência com o assunto do trabalho científico, afirma Vanoye e Goliot-Lété (2008). Entretanto, o ponto chave das técnicas elaboradas é o aspecto descritivo de sua decomposição e de reconstrução. Bauer e Gaskell (2017) apontam que o processo de interpretação e compreensão da separação dos elementos deve resultar na convergência entre o referencial teórico proposto e a análise cinematográfica, subentendendo que se não ocorrer, a compreensão foi falha, seja no uso do referencial, seja na escolha do filme.

Considerando a questão central discutida neste artigo, de que maneira a flexibilização e a precarização do trabalho se estabelecem por meio do empreendedorismo de si, à luz da teoria crítica, optou-se pela análise do filme *Desculpe, Você Não Estava Aqui* (*Sorry We Missed You*, 2019), dirigido por Ken Loach. A obra foi, inicialmente, descrita de forma sintética e, posteriormente, analisada à luz da problemática proposta. A utilização de ferramentas de Inteligência Artificial Generativa (IAG) foi empregada nesta pesquisa com o objetivo de montar um quadro de minutagem das cenas analisadas. Com base nos procedimentos da análise fílmica anteriormente apresentados, foram selecionadas cenas para exame, conforme descrito no Quadro 1.

Nesta análise fílmica a partir da descrição do Quadro 1 destaca-se que não são consideradas as características estéticas, de som e imagem, pois o intuito é relacionar os pontos discutidos na articulação teórico-analítica sobre a flexibilização do trabalho e empreendedorismo de si.

Quadro 1 – Minutagem das cenas-chaves analisadas da obra fílmica

Nº	Minutagem	Descrição da cena	Elementos centrais	Categoria analítica	Relação com o referencial teórico
1	01:30–01:58	Ricky decide aderir ao trabalho como "autônomo". Maloney afirma que ele não trabalhará para a empresa, mas "com" a empresa, reforçando a ideia de ser "seu próprio chefe".	Discurso empresarial; falsa autonomia	Empreendedorismo de si	Foucault (2008); Dardot e Laval (2016) – internalização da lógica empresarial
2	05:41–06:05	Abby questiona a jornada de trabalho de Ricky (14h diárias) e os impactos na convivência familiar.	Jornada extensa; conflito trabalho-família	Precarização do trabalho	Antunes (2009) – intensificação e degradação do trabalho
3	09:22–09:48	Maloney apresenta as regras de trabalho, incluindo o monitoramento constante das entregas por meio do sistema eletrônico.	Controle por tecnologia; vigilância	Flexibilização e precarização	Antunes (2009); Alves (2009) – novas formas de controle do trabalho
4	25:43–27:27	Ricky e Abby discutem as dificuldades decorrentes da ausência de garantias trabalhistas e da insegurança associada ao trabalho flexível.	Ausência de proteção social; insegurança laboral; vulnerabilidade econômica	Flexibilização e precarização	Antunes (2009); Standing (2014) – fragilização dos direitos trabalhistas e constituição do precariado
5	37:20–37:37	Abby e uma paciente discutem sua jornada exaustiva (07h30 às 21h).	Trabalho por demanda; sobrecarga	Precarização do trabalho	Antunes (2009) – expansão do trabalho informal e intensificado
6	40:07–41:51	Seb critica o trabalho do pai, chamando-o de "criado iludido".	Consciência crítica; alienação	Alienação e ideologia	Marx (2004); Santos (2019) – ideologia do empreendedorismo
7	46:51–52:00	Abby trabalha mesmo em seu dia de folga, evidenciando a dissolução das fronteiras entre trabalho, lazer e vida familiar.	Supressão do tempo livre; sobreposição de esferas	Intensificação do trabalho	Marx (2004); Antunes (2009) – subsunção do tempo de vida ao capital
8	1:03:10–1:05:57	Ricky solicita uma folga, mas é desencorajado por Maloney, que reforça o discurso da autonomia individual.	Ausência de direitos; coerção indireta	Flexibilização e precarização	Foucault (2008) – autogestão como mecanismo de controle
9	1:28:05–1:32:44	Ricky trabalha sem pausas, sofre um assalto e é responsabilizado pelos prejuízos financeiros.	Risco transferido ao trabalhador; desumanização	Exploração e precarização extrema	Antunes (2009); Alves (2009) – espoliação e transferência dos riscos ao trabalhador
10	1:36:45–1:39:38	Mesmo ferido, Ricky retorna ao trabalho por medo de perder sua fonte de renda e os bens adquiridos.	Medo; endividamento; submissão	Dominação pelo medo	Alves (2009) – medo como mecanismo de controle e disciplinamento do trabalhador

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Volcof (2020).

4 ANÁLISE DA OBRA FÍLMICA

Para o desmembramento e a seleção das cenas-chave, destaca-se, inicialmente, a primeira cena do filme, correspondente ao diálogo entre Maloney, representante da empresa de transporte, e Ricky, personagem principal, no qual ambos firmam um contrato de franquia para a prestação de serviços como trabalhador autônomo [01min30s – 01min58s]. A empolgação de Ricky remete à concepção do novo *homo oeconomicus*, conforme analisado por Foucault (2008). Isso porque, em um primeiro momento, o personagem demonstra-se determinado a aproveitar a oportunidade, elaborando projeções de crescimento para o seu “negócio” e reproduzindo, assim, a lógica da ficção liberal e o discurso da flexibilidade. Tal postura evidencia a internalização da racionalidade neoliberal, inclusive ao compartilhar com sua esposa, Abby, a expectativa de que a atividade se mostraria lucrativa no longo prazo.

A próxima cena escolhida [05min41s - 06min05s] é justamente o questionamento de Abby sobre o tempo que Ricky precisaria sacrificar para chegar ao ápice do negócio: 14 horas diárias e seis dias por semana. Mesmo alertado sobre a jornada exaustiva e suas consequências, o personagem opta pelo trabalho em razão dos “benefícios” supostamente atrelados - liberdade, lucro e autonomia - relegando a segundo plano o custo do distanciamento familiar que isso geraria. Nesse ponto, evidencia-se as engrenagens do capitalismo, especialmente capturado sob a ótica do Toyotismo, segundo Antunes (2009). Isso porque, a despeito de Ricky se considerar, a partir de então, um trabalhador autônomo, empresário de si, cumpre, a rigor, as exigências de um trabalhador formal daquele sistema, ou seja, polivalente e dedicado. Ele permanece no trabalho quantas horas forem necessárias, mesmo em detrimento do tempo de descanso e, sem contar com a negativa de direitos advindos de um vínculo trabalhista.

O tempo despendido para o tão sonhado sucesso reforça como o capitalismo ainda aliena “a classe que vive do trabalho”, conforme Antunes (2009). Por conta da ilusão de liberdade e autonomia contida na cena [09min22s - 09min48s], os trabalhadores não percebem o quanto estão sendo enganados pelos argumentos de ser empreendedor, por isso Costa et al. (2008) destaca a importância de observar essa categoria como mais uma forma de precarização do trabalho e desenvolver mais estudos sobre o tema. Entretanto, mesmo que as pesquisas se multipliquem sobre a precarização do trabalho, o capital opera no sentido de restringir, assim como a manipulação da mídia, para confirmar o padrão de dominação e o medo do desemprego colocado em prática. Dentro desta perspectiva é emblemática a cena em que Seb, filho mais velho do personagem principal compara sua arte com essa apropriação das mídias por parte da sociedade capitalista [40min07s - 41min51s], a questão levantada comprova o controle ideológico e a conformidade, conforme foi abordado por Braga e Arrais Neto (2012).

Conforme evidenciado no referencial teórico acerca do empreendedorismo de si, o trabalhador inserido nessa lógica não dispõe de direitos, segurança ou da autonomia que lhe é discursivamente atribuída. A ausência de proteção social, bem como a fragilidade das condições de trabalho, é explicitada na cena [25min43s – 27min27s], na qual se evidencia o contraste entre a liberdade prometida e a perda de sentido da atividade laboral.

Na cena [37min20s – 37min37s], o espectador percebe o desespero diante da necessidade de ampliar o número de clientes e/ou de estender a jornada de trabalho, o que dialoga com a noção de aceleração dos ritmos de vida, conforme Rosa (2003). Esse processo culmina, como ilustrado na sequência [46min51s – 52min00s], na quase completa supressão do tempo de lazer, que passa a ser absorvido pelas demandas do trabalho. A flexibilização do trabalho na modernidade, materializada no filme por meio das consequências da relação entre o personagem principal e a empresa, revela-se, na prática, como um instrumento do capitalismo que subordina o tempo de vida ao tempo de trabalho. Ainda que favoreça a lógica de acumulação do capital, tal dinâmica não promove a autorrealização, sendo marcada pela insegurança e pela intensificação das condições precárias de existência do trabalhador.

Ferraz e Ferraz (2022) destacam que basicamente a função do espírito empreendedor é a reprodução do modo de produção capitalista, podendo ser considerado um desenvolvimento do

espírito capitalista nos dias atuais. No momento em que Ricky já está esgotado e com problemas pessoais [1h28min05s a 1h32min44s] evidencia-se a reprodução da dominação capitalista, isto porque, mesmo diante das dificuldades ele decide trabalhar ainda mais. Nesse ponto do filme o personagem passa a perceber os limites da suposta liberdade [1h03min10s à 1h05min57s], e diante das necessidades apresentadas, se rende ainda mais a forma precarizada de trabalho.

Em contraposição à perspectiva López-Ruiz (2007), a atividade empreendedora não surgiu de movimentos populares, os empreendedores advindos da crise dos anos 70 estão mais próximos de um movimento de conformismo diante das novas e flexíveis condições de trabalho, que surgiram com o ideário neoliberal, segundo Ferraz e Ferraz (2022). A conformação do empreendedor vem tanto da reprodução da lógica capitalista quanto do medo e do desespero, afirma Alves (2009). A dor física e emocional do personagem Ricky, não o impede de trabalhar, justamente por medo de perder o pouco que tem [1h36min45s a 1h39min38s].

Nota-se que, ao longo da obra, a concepção de empreendedorismo afasta-se da perspectiva schumpeteriana, que o associa ao sucesso, ao lucro e à acumulação de riqueza. Nesse sentido, Ferraz e Ferraz (2022, p. 113) destacam que as implicações da prática empreendedora “[...] consistem em conformar as subjetividades dos trabalhadores para que apresentem ao mercado, objetiva e subjetivamente, demandas ao capital, visando à venda da força de trabalho.”

A partir da análise das dez cenas selecionadas, foi possível responder à problemática proposta neste estudo. Tal compreensão decorre do processo de decupagem fílmica, que permitiu apreender, de forma mais detalhada, os elementos centrais da narrativa. Ressalta-se, contudo, que outras cenas também poderiam ser exploradas sob a ótica da flexibilização e da exploração do trabalho, evidenciando o potencial analítico da obra. Além disso, não se descartam as dimensões psicossociais relacionadas à atividade laboral, que igualmente oferecem um campo fecundo para novas interpretações.

De acordo com a revisão bibliográfica aqui definida e as cenas que foram destacadas e interpretadas, observou-se que o personagem principal foi imbuído de um “espírito empreendedor”. Contudo, as relações de produção (força de trabalho e meios de produção) que dão origem às forças produtivas, além de todo o sistema de produção decorrente da distribuição, circulação e consumo das mercadorias provocam uma divisão de trabalho sob o controle exercido pelo capitalismo. Existem 52 milhões de pessoas envolvidas com o empreendedorismo (GEM, 2018), e em 2022/2023, esse número cresceu para mais de 93 milhões de potenciais empreendedores e donos de negócios, segundo dados mais recentes do GEM. Existem 7,4% de taxa de desocupação no Brasil (IBGE, 2024/2025) que buscam atividades uberizadas (Ferrer, Oliveira, 2018) e/ou autônomas como uma alternativa financeira (Antunes, 2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou compreender a dinâmica da flexibilização do trabalho a partir da perspectiva do empreendedorismo de si, entendido como um mecanismo de dominação e reprodução da ideologia do capital. Para tanto, foram adotados procedimentos metodológicos que envolveram levantamento bibliográfico, decupagem e análise fílmica da obra *Desculpe, Você Não Estava Aqui* (*Sorry We Missed You*, 2019), dirigida por Ken Loach.

A análise realizada permitiu evidenciar que as transformações do modo de produção capitalista, desde o taylorismo e o fordismo até a consolidação do toyotismo, estiveram associadas à incorporação de formas cada vez mais sofisticadas de controle, gestão e intensificação da exploração da força de trabalho. Nesse contexto, o discurso do empreendedorismo assume papel central ao transferir para o indivíduo a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso profissional, obscurecendo os condicionantes estruturais que conformam as relações de trabalho.

O estudo também destacou a importância de uma abordagem crítica acerca do empreendedorismo, contrapondo-se às interpretações que o apresentam exclusivamente como expressão da inovação e do desenvolvimento econômico. Embora a concepção schumpeteriana atribua ao empreendedor a capacidade de promover rupturas e transformações no sistema

econômico, sua generalização desconsidera as desigualdades de acesso aos recursos materiais, financeiros e simbólicos necessários ao exercício dessa função.

A análise fílmica, articulada ao referencial teórico mobilizado, contribuiu para a compreensão da problemática investigada, evidenciando como a lógica do empreendedorismo de si opera na legitimação de formas contemporâneas de precarização do trabalho, responsabilização individual e naturalização das desigualdades sociais. Os resultados obtidos oferecem elementos analíticos relevantes para a reflexão sobre as transformações do mundo do trabalho e seus impactos sobre a vida social.

Ademais, observou-se que a intensificação da exploração da força de trabalho não constitui um fenômeno recente, mas uma característica histórica das sociedades capitalistas, que assume novas configurações no contexto da reestruturação produtiva e da difusão do ideário neoliberal. Nesse cenário, o empreendedorismo de si emerge como um dispositivo ideológico capaz de reorientar valores, expectativas e formas de subjetivação compatíveis com as exigências da acumulação capitalista.

Além das discussões teóricas e da análise fílmica, os dados apresentados ao longo do estudo permitem situar a problemática no contexto brasileiro contemporâneo. As informações do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) indicaram que o Brasil apresenta elevados índices de atividade empreendedora, frequentemente associados aos discursos da autonomia, da inovação e da geração de oportunidades. Contudo, quando analisados em conjunto com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), observa-se que parcela significativa dos trabalhadores inseridos em atividades empreendedoras encontra-se em condições marcadas pela informalidade, pela instabilidade da renda e pela ausência de proteção social. Esses elementos reforçam a necessidade de problematizar interpretações que associam o empreendedorismo exclusivamente à liberdade econômica e ao sucesso individual, evidenciando que, em muitos casos, ele se configura como uma estratégia de sobrevivência diante das limitações do mercado de trabalho formal e da crescente precarização das relações laborais.

Por fim, este estudo não pretende esgotar a discussão acerca da flexibilização e da precarização do trabalho. Ao contrário, busca contribuir para o aprofundamento do debate crítico no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas, fomentando reflexões e novas investigações sobre as relações entre trabalho, subjetividade e capitalismo contemporâneo. Espera-se, desse modo, colaborar para a construção de análises que ultrapassem as explicações individualizantes dos fenômenos sociais e evidenciem as determinações históricas, econômicas e políticas que permeiam o mundo do trabalho na atualidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Giovanni. Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal? Precarização do trabalho e redundância salarial. **Revista Katalysis**, v. 12 n. 2 p. 188-197 jul./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/6x94zJ3FLh3hc/bzh3BNHHNf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.
- BARBOSA, Attila Magno e Silva. O empreendedor de si mesmo e a flexibilização no mundo do trabalho. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, n. 38, p. 121-140, fev. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782011000100008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/n9J3htptDPZdJ8CvpTNHw9J/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BRAGA, Océlio Jackson; ARRAIS NETO, Enéas de Araújo. Ideologia burguesa e dominação capitalista como movimento científico e político-filosófico na dialética do esclarecimento. **Revista LABOR**, Fortaleza, v. 1, n. 8, p. 34-47, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/23367>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- CASQUÍ, Vander. Empreendedorismo como fenômeno comunicacional, como discurso social e como inspiração. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [s. l.], v. 16, ed. 30, 2019. Disponível em: <https://www.alaic.org/revista/index.php/alai/c/article/view/1417>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- COSTA, Alessandra Mello da; BARROS, Denise Franca; MARTINS, Paulo Emílio Matos. Linguagem, relações de poder e o mundo do trabalho: a construção discursiva do conceito de empreendedorismo. **RAP**, Rio de Janeiro, v. 42, n° 5, pp. 995-1018, set./out. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/cQwshh9SQKJQnYsBgBfrK9s/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo - ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DRUCK, Graça; BORGES, Ângela. Terceirização: balanço de uma década. **Caderno CRH**, n. 37, p. 111-139, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18604>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- FERRAZ, Janaynna de Moura; FERRAZ, Deise Luiza da Silva. Do espírito do capitalismo ao espírito empreendedor: a consolidação das ideias acerca da prática empreendedora numa abordagem histórico- materialista. **Cad. EBAPE.BR**, v. 20, n° 1, Rio de Janeiro, jan./fev. 2022. ISSN 1679-3951. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/ScBZSdpKpQNHGP9jnbCTHXf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- FERRER, Walkiria Martinez Heinrich; OLIVEIRA, Lourival José de. Uberização do trabalho sob a ótica do conceito de subordinação estrutural. **Revista Direito UFMS**, Campo Grande, v. 4, n. 1, p. 177-194, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revdir/article/view/5574/4633>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- FILARDI, Fernando, BARROS, Filipe Delarissa, FISCHMANN, Adalberto. Estratégias de empresas para a base da pirâmide: estudo de casos múltiplos de grandes empresas nas comunidades pacificadas do Rio de Janeiro. **RAUSP Management Journal**, v. 53, n°1, pp.63 – 73, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.rauspm.2017.12.003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rmj/a/Kjzz6VspXwcqdF7JHCnyPqG/?format=pdf&lang=en>.

Acesso em: 10 abr. 2026.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANCO, David Silva; FERRAZ, Deise Luiza da Silva. Uberização do trabalho e acumulação capitalista. **Cad. EBAPE.BR**, v. 17, Edição Especial, Rio de Janeiro, nov. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1679-395176936>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cebape/a/9NJd8xMhZD3qJVwqsG4WV3c/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 10 abr. 2026.

FRANCO, Tânia Maria de Souza; FERRAZ, Deise Luiza da Silva. Empreendedorismo de si e subjetivação do trabalho: uma análise crítica da racionalidade neoliberal. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 17, n. esp., p. 844-856, 2019. Disponível:

<https://www.scielo.br/j/cebape/a/9NJd8xMhZD3qJVwqsG4WV3c/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 10 abr. 2026.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM). **Empreendedorismo no Brasil 2018: relatório executivo**. Curitiba, PR: IBQP. 2019. Disponível em:

<https://datasebrae.com.br/pesquisa-gem/>.

Acesso em: 10 abr. 2026.

GOURNET, Thomas. **Fordismo e toyotismo**. São Paulo: Boitempo, 1999.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HIRATA, Helena. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França e Japão. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, nº 01, p. 15-22, 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/M4ycWQHC74JXtmXcfqNxTyy/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 10 abr. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD Contínua**-Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>. Acesso em: 10 abr. 2026.

JAEGGI, Rahel. Um conceito amplo de

economia: economia como prática social e a crítica ao capitalismo. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 503-522, 2018. DOI:

[https://doi.org/10.15448/1984-](https://doi.org/10.15448/1984-7289.2018.3.32368)

7289.2018.3.32368.

<https://www.scielo.br/j/civitas/a/dFfHKJs3rW8QnPx5gPLV4v/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2026.

LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo. **Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo**: capital humano e empreendedorismo como valores sociais. Rio de Janeiro, RJ: Azougue, 2007.

MARTINEZ, Luciano. **Curso de Direito do Trabalho: relações individuais, sindicais e coletivas do trabalho**. 9. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Centauro, 2004.

MELO NETO, Antônio de Pádua.

Teletrabalho: novas formas de subsunção do trabalho ao capital. **Cadernos do CEAS**, n. 223, jul/set. 2016. Disponível em:

<https://cadernosdoceas.ucs.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/164/14>. Acesso em: 10 abr. 2026.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MORO, Cibele Vargas Machado; AMADOR, Fernanda Spanier. O trabalho da gestão: notas sobre poder e subjetividade. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 201-211, abr./jun. 2015.

Disponível em: DOI:

<https://doi.org/10.17652/rpot/2015.2.511>.

<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v15n2/v15n2a09.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2026.

OLIVEIRA, Robson de, SAMPAIO, Simone Sobral. Neoliberalismo e Biopoder: o indivíduo como empresa de si mesmo. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 17, n. 1, jan./jul. 2018. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/23483>. Acesso em: 10 abr. 2026.

PENAFRIA, M. Análise de filmes – conceitos e metodologias. In Congresso Da Associação Portuguesa De Ciências Da Comunicação, 2009 [Anais...] Lisboa, Portugal: Biblioteca online de ciências da comunicação, 2009. Disponível em:

<https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2026.

RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos; LEDA, Denise Bessa. Sentidos atribuídos ao trabalho na sociedade contemporânea e as repercussões na subjetividade do trabalhador. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 18, n. 211, p. 39-49, 2018. Disponível em:

<https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/1559>. Acesso em: 10 abr. 2026.

RIBEIRO, Paula de Melo. Empreendedorismo de si e capitalização da vida: das engrenagens do tempo de produção à resistência do homem lento. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41686>. Acesso em: 10 abr. 2026.

ROSA, Hartmut. Aceleração Social: Consequências Éticas e Políticas de uma Sociedade Dessincronizada de Alta Velocidade. **Revista Constellations**, v. 10 n.1, pp. 3-33, 2003. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/ROSSAE-5>. Acesso em: 10 abr. 2026.

ROSA, Kaio Lucas da Silva, et al. Nova pandemia, antiga tragédia: um olhar para a exploração dos entregadores uberizados. **Revista Princípios**, v.40, n.162, jun/out. 2021. Disponível em: <https://revistaprincipios.emnuvens.com.br/principios/article/view/109/78>. Acesso em: 10 abr. 2026.

SANDOVAL, Marisol. Ativismo empreendedor? Cooperativismo de plataforma entre subversão e cooptação. **Critical Sociology**, v. 46, n. 6, p. 801-817, 2020. Disponível em: <https://www.labster8.net/wp-content/uploads/2021/03/Sandoval-Entrepreneurial-Activism.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2026.

SANTOS, Eduardo Altheman Camargo. Empresários precários de si - sobre a nova feição do empreendedorismo precário da

classe trabalhadora. In ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 45, 2019. [Anais eletrônicos...] Caxambu-MG: ANPOCS, 2019. Disponível em:

https://www.academia.edu/53267589/Empres%C3%A1rios_prec%C3%A1rios_de_si_sobre_a_nova_fei%C3%A7%C3%A3o_do_empreendedorismo_prec%C3%A1rio_da_classe_trabalhadora. Acesso em: 10 abr. 2026.

SCHUMPETER, Joseph. **A teoria do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro, Brasil: Nova Cultural, 1985.

SERAFIM, Mauricio; FEUERSCHÜTTE, Simone Ghisi. Movido pelo transcendente: a religiosidade como estímulo ao “espírito empreendedor”. **Cad. EBAPE**, v. 13, n.º. 1, artigo 9, Rio de Janeiro, jan./mar. 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cebape/a/4MQxsvVpnT6MqLGWXWfYPYg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2026.

SORRY we missed you. Direção: Ken Loach. Produção: Sixteen Films, Les Films du Fleuve, Why Not Productions, BBC Films, British Film Institute, Arte France Cinéma. Reino Unido/França/Bélgica, 2019. 1 Filme (2h20min). Colorido.

STANDING, Guy. O precariado e a luta de classes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 103, p. 9-24, maio 2014. Disponível em:

<https://journals.openedition.org/rccs/5521>. Acesso em: 1 jun. 2026.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Trad: Marina Appenzeller. 5 ed. Campinas: Papirus, 2008.

VASCONCELOS, Valmir Dorn. O empreendedorismo de si e o novo homo oeconomicus: discussões sobre trabalho, subjetividade e clínica. 2015. **Trabalho de conclusão de curso (Monografia)**. Curso de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/135411>. Acesso em: 10 abr. 2026.

VOLCOF, Vinícius. Desculpe, você Não Estava Aqui (2020): precariados do mundo todo, uni-vos! **Cinema com rapadura**, 2020. Disponível em:

<https://cinemacomrapadura.com.br/criticas/573735/critica-voce-nao-estava-aqui-2019-precariados-do-mundo-todo-uni-vos/>. Acesso em: 10 abr. 2026.

WOOD Jr, Thomaz; PAES, Ana Paula. A mídia especializada e a cultura do management.

O&S. v.13, n.38, julho/setembro, 2006.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/osoc/a/HwXmzz9wQyMmqSPnPLDcSKP/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 10 abr. 2026.

Sobre as autoras

Letícia dos Santos Rosa Alcantara  
srosal.leticia@gmail.com

Mestre em Gestão Pública e Sociedade pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), com linha de pesquisa voltada à Educação e Trabalho. Graduada em Ciência e Economia pela mesma instituição. Possui interesse de pesquisa nas relações entre trabalho e educação em sua dimensão social, bem como nas interfaces entre educação e comportamento político da sociedade civil. Atua como docente nos anos finais do Ensino Fundamental, na área de Matemática. Desenvolve prática pedagógica orientada pelas tendências da Educação Matemática, com ênfase no raciocínio lógico, na resolução de problemas e na contextualização social e histórica dos conteúdos.

Margarete Panerai Araujo  
margaretepanerai@gmail.com

Sua formação contempla pós-doutorado em Desenvolvimento Regional PPGDR - UNISC; Pós-doutorado em Administração Pública e de Empresas em Políticas e Estratégias pela FGV EBAPE/RJ; e pós-doutorado em Comunicação Social, Cidadania e Região na UMESP nas Cátedras UNESCO de Comunicação e Gestão de Cidades. Possui Doutorado em Comunicação Social pela PUCRS; Mestrado em Serviço Social com bolsa CNPQ; e Especialização em Antropologia Social. Sua graduação com Bacharelado e Licenciatura é em Ciências Sociais pela PUCRS. Atualmente participa do Grupo de pesquisa GEPEUR_PPGDR-RS, e no projeto da CAPES e FAPERGS “Cidades Médias, Novas Centralidades e Desenvolvimento Regional no RS”. É professora na Escola Mineira de Humanidades para pós-graduação EAD e professora convidada visitante no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, PPGPSI - Mestrado Profissional em Caxias no RGS.